

A Hermenêutica do Sujeito, de Michel Foucault

Resumo da aula de 24 de março de 1982, proferida por Foucault no *Collège de France*¹

Parte do Curso Preparatório para o II Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e
Literatura: Ética e Estética da Existência

Por Fábio R. R. Belo²

Na aula do dia 24 de março de 1982, do curso *L'Herméneutique du Sujet*, Michel Foucault nos recorda que há dois grandes grupos de exercícios característicos da ascética filosófica grega. O primeiro grupo é o dos *gumnazein*, isto é, os treinamentos em situação real. Dentre desse grupo encontramos as práticas de abstinência e os regimes de provas. A segunda família de exercícios pode ser agrupada ao redor dos termos *meletê / meditatio*: exercício do pensamento, da preparação interior.

O que me parece importante é frisar que Foucault está interessado em mostrar como, no pensamento grego e helenístico, há espaço para se pensar num deslizamento dessas práticas isoladas de prova para a vida como um todo como prova. Nesse sentido, desde os momentos iniciais do curso, Foucault quis marcar uma distinção forte com o *modelo platônico*. Nessa aula, não é diferente. Ele lembra que conhecer a essência da alma nesse modelo é *lembrar* – teoria da reminiscência platônica – tem a ver com a memória. “A relação entre a reflexividade de si sobre si e o conhecimento da verdade se estabelece sob a forma da memória. Conhece-se por reconhecer aquilo que já se conhecia.” (HS, 437)³.

Foucault lê o pensamento estóico em contraposição a esse modelo. Ele marca, para começar quatro diferenças. (1) Eu devo me conhecer para *começar* cuidar de mim. O conhecimento não é o fim, é o começo. Há um *desnível* entre o conhecimento e o cuidado de si. (2) O objeto do cuidado não vai ser a realidade substancial da alma, mas as representações, os movimentos que se passam no pensamento, as opiniões, os julgamentos. (3) Tanto no modelo platônico quanto no estóico a alma tem relação com o divino. No primeiro modelo, no entanto, a articulação do sujeito com o divino é de

¹ Por se tratar de um resumo informal da aula de Foucault, não me ative às citações e me vali de paráfrases o tanto quanto pude para deixar o texto mais solto. Portanto, esse texto não deve ser citado em trabalhos acadêmicos. Ele serve apenas como notação para aula e material de estudo.

² Prof. de Psicologia da Faculdade de Direito Milton Campos. Psicólogo, mestre em Psicologia (Teoria Psicanalítica), doutor em Estudos Literários (Literatura Brasileira). Fabiobelo76@gmail.com

³ A sigla, seguida do número da página, refere-se à edição francesa: Gallimard / Seuil, 2001.

contemplação, isto é, ele fica colocado do lado do objeto: sei que minha alma é divina, me lembrei disso, reconheci isso e minha tarefa é essa. Já no modelo estóico, a articulação coloca o sujeito na posição de sujeito ativo: é justamente por ter natureza divina que devo exercitar essa faculdade para controlar as outras, que devo cuidar de mim mesmo. (4) Em Platão, a verdade que é tomada é a verdade essencial que permite conduzir os outros homens. Com os estóicos, o olhar se dirige para a verdade daquilo que pensamos. Trata-se de saber se vamos ser capazes de agir em função dessa verdade e se poderemos ser o sujeito ético da verdade que pensamos.

Foucault faz dois parênteses breves antes de passar ao tema do *praemeditatio malorum*. O primeiro diz respeito às três formas de *reflexividade* no Ocidente. Três formas através das quais o pensamento se organizou: (1) Memória: reconhecimento, a verdade que se lembra. (2) Meditação: bastante utilizado pelos estóicos, é a prova do que se pensa, prova a si mesmo como sujeito que pensa efetivamente o que pensa e que age como pensa. O objetivo aqui é constituir o *sujeito ético da verdade*. (3) Método: organizar e sistematizar o conhecimento.

O segundo parêntese diz respeito à relação entre o *gnôthi seauton* e o *epimeleia heautou*. Para Foucault, é importante frisar que o cuidado de si (*epimeleia heautou*) é o verdadeiro suporte do imperativo “conheça-te a ti mesmo” (*gnôthi seauton*). É porque é necessário cuidar de si mesmo que é preciso conhecer a si mesmo. “(...) é às diferentes formas de *epimeleia heautou* que é preciso demandar a inteligibilidade e o princípio de análise das diferentes formas do conhecimento de si. No interior da história do cuidado de si, o *gnôthi seauton* não tem a mesma forma nem a mesma função.” (HS, 443).

Praemeditatio malorum: esse tema parece contraditório dentro da moral grega, pois preocupar-se com o futuro é algo negativo nessa cultura. Há, ao contrário, uma primazia da memória; o pensamento do passado tem um valor positivo. É muito tardio, na história do pensamento ocidental, a consciência história que articula o passado e o futuro sob a lógica do progresso, por exemplo.

Para os gregos do período clássico e para os filósofos romanos do período helenístico, há ainda outra razão para desvalorizar o pensamento no futuro: trata-se de uma razão ontológica. O futuro não existe para o homem. Projetar-se nele é insensato, pois não temos nenhum controle sobre isso. Plutarco, por exemplo, vai qualificar de insensatos aqueles que se preocupam com o futuro e que deixam de lembrar do passado. Ele usa uma metáfora: não se pode deixar o asno devorar o junco que estamos a tecer.

Sêneca também adverte para não se preocupar com o futuro, pois ele pode bem não acontecer, mas o passado, esse sim, esse deve ser alvo de nossa atenção. Não podemos trocar o certo pelo duvidoso. O real está à nossa disposição através da memória.

Diante do privilégio absoluto dos exercícios de memória sobre os exercícios do futuro, parece contraditório que a *praemeditatio malorum* esteja presente na moral grega. Mas, essa contradição é apenas aparente. Para os estóicos, a *praemeditatio malorum* faz parte da série de exercícios que nos preparam para o presente, que nos ajudam a fabricar o que chamavam de *paraskeuê*, isto é, um equipamento moral que deveríamos ter sempre à mão (*prokheiron*) em caso de infortúnios da vida. Equipar-se de discursos verdadeiros, portanto, para, quando o mal acontecer, o sujeito não dizer: “eu devia ter me preparado”, “eu não tinha previsto”.

Há três características importantes na *praemeditatio malorum*. (1) É preciso considerar que podem nos acontecer não apenas os males mais frequentes, e os que acontecem ordinariamente aos indivíduos, mas que vai nos suceder tudo o que pode acontecer. Trata-se de um percurso exaustivo dos males possíveis. (2) Não é uma brincadeira de probabilidade. Deve-se se exercitar ao infortúnio num tipo de certeza que se dá a si mesmo: de qualquer forma, isso vai te acontecer. (3) Trata-se de uma prova do pior: não apenas que os piores males vão acontecer, não apenas pensar que vão acontecer de qualquer maneira, fora de qualquer cálculo de probabilidade, mas que eles vão acontecer imediatamente, incessantemente, sem atraso. (HS, 451).

Agora está claro: a *praemeditatio malorum* não é um pensamento no futuro. Ao contrário: trata-se de obturar o futuro, de anulá-lo sistematicamente. Não se trata de um futuro com suas incertezas, mas de se dar como certos os infortúnios que sucederão. Um exemplo de Sêneca: estais com um processo? Vais perdê-lo, certamente, inescapavelmente.

Para que esse exercício? Para desmascarar o futuro do caráter imaginário que ele possui. Desfazer os espantalhos, desarticular esses fantasmas. Ou bem a dor é grande demais e não podemos suportá-la e morreremos ou bem a suportamos, então, é pequena. E quanto mais nos exercitarmos na *praemeditatio malorum*, mais bem constituído estará nossa *paraskeuê*.

Na segunda hora dessa aula, Foucault segue caracterizando esse exercício e lembra que não se trata de pensar que “posso morrer um dia”, antes: trata-se de provar o dia, como se cada momento do dia fosse o grande momento da jornada da vida; o último

momento do dia, o último momento da existência. Marco Aurélio diz claramente: “A perfeição moral comporta que se passe cada dia como se fosse o último.” (HS, 458).

O exercício, então, passa por pensar que a morte vai te tomar no momento mesmo que você está fazendo qualquer coisa. Através desse olhar da morte que você lança sobre sua ocupação, você deverá considerar que há uma ocupação mais bela, moralmente mais valiosa que você poderia estar fazendo no momento de morrer. É essa ação que você deveria escolher, você deve se colocar na melhor situação para morrer a cada momento. Observem novamente: pensar na morte – *meletê thanatou* –, nesse contexto, nada tem a ver com pensar no futuro. É para valorizar a ação presente.

Já caminhando para o fim da aula, Foucault lembra que há também o exame de consciência. O exame que se faz antes de dormir – quando “a esposa se cala” (HS, 469 n.21) – faz-se uma purificação do pensamento, por exemplo. Entre os estóicos essa prática, se dá também pela manhã e se volta para o futuro imediato e próximo. Na prática noturna, devemos agir como juízes sem indulgência. Examinar-se, mas não ser duro demais consigo mesmo. Apenas reconhecer a distância que falta entre o sujeito da ação e o sujeito da verdade. O exame mede essa distância. Apesar das muitas metáforas jurídicas que aparecem no texto de Sêneca, por exemplo, a questão é administrativa: o que devo fazer, o que falta ainda, para alcançar esse ponto moral (*ethos*) que proponho (*logos*)? Assim como quando aconselhamos um amigo não queremos machucá-lo, da mesma forma, não podemos ser demasiadamente duros conosco: é preciso fazer progredir.

O exame de consciência é um exercício de memória, portanto, não apenas de memória ao que se passou durante o dia, mas de memória com relação às regras que sempre se deve ter em mente. Podemos medir onde estamos: se ainda temos um grande esforço a fazer, se ainda estamos longe do objetivo, se efetivamente fomos ou não capazes de traduzir na nossa ação os princípios de verdade que temos na ordem do conhecimento. *Onde me situo como sujeito ético de verdade* (isto é, com relação a um discurso verdadeiro)? Até que ponto sou capaz de ser idêntico como sujeito de ação e sujeito de verdade? (HS, 465)

Ter à mão (*prokheiron*) os princípios de conduta, de regras de conduta: é com esse objetivo que se vai praticar o exame de consciência. Dar-se a disponibilidade desses discursos verdadeiros que nos permitirão nos conduzir. Foucault lembra rapidamente que esse tipo de moral é oposta ao que vai se ver no cristianismo onde a renúncia ocupava um lugar central. A renúncia a si como objetivo é o contrário dessa

ascese filosófica que leva o sujeito a se constituir como sujeito de conhecimento verdadeiro e como sujeito de ação correta.

Nos dois últimos parágrafos da aula, Foucault faz um excuro convidando-nos a uma reflexão sobre uma questão, um desafio, colocado à filosofia pelo pensamento ocidental. Para compreender essa questão, acompanhemos passo a passo a argumentação de Foucault.

Primeiro ponto. Foucault lembra que *o mundo se tornou correlativo de uma tekhnê*. “(...) ele cessou (...) de ser pensado para se tornar conhecido, medido, dominado (*maîtrisé*) graças a um certo número de instrumentos e objetivos que caracterizariam a *tekhnê*, ou as diferentes técnicas.” (HS, 466). Então, vejam: há uma contraposição entre o *pensar* e o *conhecer*. Foucault, no entanto, não explica a diferença entre as duas atitudes frente ao mundo. Fica claro, entretanto, que a segunda atitude parece estar ligada ao *método* científico, forma de reflexividade, aliás, que ele citou no início dessa aula.

Segundo ponto. A vida – o *bios* – também vai sofrer uma “evolução”. Na verdade, um movimento inverso do que aconteceu com o mundo: a vida que era correlativa de uma *tekhnê*, vai deixar de sê-lo para se tornar uma prova de si (*épreuve de soi*). Prova em dois sentidos: (a) o mundo é reconhecido como sendo o que através do que nós fazemos a experiência de nós mesmos; (b) o *bios* também é um exercício através, apesar ou graças ao qual nós vamos nos formar, transformar, caminhar em direção a um objetivo, salvação, perfeição etc.

Então, Foucault propõe que há um cruzamento, em vários períodos e direções, dois processos: (1) o mundo deixa de ser pensado para ser conhecido através de uma *tekhnê*; (2) o *bios* deixa de ser o objeto de uma *tekhnê* para se tornar o correlativo de uma prova, de uma experiência, de um exercício.

Nesse duplo movimento, está a raiz de um questionamento à filosofia, um desafio à filosofia como discurso e como tradição. Foucault termina seu curso deixando quatro grandes questões em aberto:

- 1) Como isso que se dá como objeto de saber articulado sobre o controle (*la maîtrise*) da *tekhnê*, como isso pode ser ao mesmo tempo o lugar onde se

manifesta, onde se experimenta (*épreuve*) e dificilmente se realiza a verdade do sujeito que nós somos?

- 2) Como o mundo, que se dá como objeto de conhecimento a partir do controle (*la maîtrise*) da *tekhnê*, pode ser ao mesmo tempo o lugar onde se manifesta e onde se prova / experimenta o “si-mesmo” como sujeito ético da verdade?
- 3) Como o mundo pode ser objeto de conhecimento e ao mesmo tempo lugar de prova (*épreuve*) para o sujeito?
- 4) Como pode haver um sujeito de conhecimento que se dá o mundo como objeto através de uma *tekhnê*, e um sujeito de experiência de si, que se dá esse mesmo mundo, sob a forma radicalmente diferente do lugar de prova?

Foucault ainda diz que, se esse é o desafio à filosofia ocidental, a *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, deve ser compreendida como o auge dessa filosofia.

As referências apontadas em nota pelos organizadores nos levam à fenomenologia: Husserl e Heidegger. Seria, então, necessário um percurso filosófico por essa seara.⁴

⁴ Encontrei duas traduções em português dos textos citados na nota 27, disponíveis on-line. O de Heidegger: http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf E o de Husserl: http://www.lusosofia.net/textos/husserl_edmund_crise_da_humanidade_europeia_filosofia.pdf [Ambos os links disponíveis no dia 19/11/09].